



## **Gêneros Jornalísticos sob a ótica Beltraniana<sup>1</sup>**

Eduardo Amaral GURGEL<sup>2</sup>  
Universidade Metodista de São Paulo – UMESP -

### **RESUMO**

Este ensaio tem como objetivo realizar uma revisão de literatura das obras de Luiz Beltrão para analisar como o autor conceitua o gênero jornalístico. O artigo se aterá às obras gerais: Iniciação a filosofia do jornalismo e Teoria e Prática do Jornalismo e suas obras específicas: A imprensa informativa – Técnica da notícia e da reportagem no jornal diário, Jornalismo interpretativo – filosofia e técnica e Jornalismo Opinativo. Para contextualização valemo-nos do referencial teórico de Marques de Melo e Francisco de Assis. Acerca da metodologia trata-se de cunho estrito qualitativo com observação das técnicas de pesquisa bibliográfica. O estudo conclui que muito dos conceitos de Beltrão vigoram até hoje. Outros mudaram com a evolução tecnológica dos meios de comunicação. Ainda assim há a necessidade de outros estudos sobre gêneros jornalísticos.

**Palavras-chave:** Teoria. Prática. Gêneros. Jornalismo. Comunicação.

### **Introdução**

A história do jornalismo desde os primórdios dos tempos perpassa sob a égide de um ou outro gênero. O caráter hodierno deste também repousa em determinadas categorizações dos gêneros em conformidade com cada meio de comunicação.

O percurso diacrônico dos gêneros aponta para repartições em formatos, adequações a este ou aquele meio, hibridismo, etc. Tudo isto sob o olhar atento de estudiosos e pesquisadores que forjaram classificações criando uma taxionomia própria ao campo. Pontos convergentes e divergentes sobre os gêneros jornalísticos foram levantados por pesquisadores até mesmo de outras áreas como a lingüística. Sem que se pesem divergências extras, de alguma forma esses estudos contribuíram para as Ciências Sociais e para o entendimento do jornalismo como ele é hoje. No Brasil, um dos pioneiros no estudo sobre os gêneros no jornalismo com maior profundidade foi Luiz Beltrão a quem, à luz de sua obra, passamos a dedicar este ensaio. Destarte, merecedora de acompanhamento e desdobramentos, a obra pautada demonstra pertinência, não obstante o que dista dos dias atuais com toda a evolução e modernidade que lhe é

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Jornalista formado pela Faculdades Adamantinenses Integradas -FAI. Pós-graduado em Comunicação Empresarial pela Unitoledo Araçatuba. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo; Bolsista CAPES. E-mail: [xagurgel@yahoo.com.br](mailto:xagurgel@yahoo.com.br)



pertinente. Sem cair no ramerrão da história, procuraremos neste artigo então contemporizar os conceitos de Luiz Beltrão à luz dos dias atuais com todas as suas nuances. Pontuaremos conceitos sobre gêneros jornalísticos que atravessaram os tempos e sobreviveram à severidade científica do campo para contribuir deveras com as Ciências Sociais, particularmente no estudo do jornalismo.

Pois longe de ser estanque, os gêneros jornalísticos pelo seu caráter mutável, antes de se esgotar deve acompanhar as transformações por que passam os meios de comunicação, assim como foi escrita a história do jornalismo desde os primórdios.

### **Eis Luiz Beltrão**

Luiz Beltrão de Andrade Lima nasceu no dia 8 de agosto de 1918 em Olinda, no Estado de Pernambuco. Graduado em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito da antiga Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco.

Em 1936, ingressou no jornalismo trabalhando no arquivo do jornal Diário de Pernambuco. Também atuou em vários órgãos da imprensa pernambucana e tornou-se líder sindical da categoria, alcançando projeção nacional. Participou de congressos jornalísticos, no país e no exterior, foi autor de diversos ensaios e monografias sobre o jornalismo e suas conseqüências na sociedade. A prática como jornalista profissional também o impulsionou para a carreira acadêmica quando, em 1961, fundou o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco. Em 1963 criou o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), primeiro centro brasileiro de estudos acadêmicos sobre os fenômenos midiáticos, mantido pela Universidade Católica de Pernambuco. Desta iniciativa surgiu a primeira equipe de pesquisadores de fenômenos comunicacionais e a primeira revista científica da área no Brasil – Comunicações & Problemas –, publicada a partir de 1965.

O reconhecimento de seu trabalho fez com que o Governo Castelo Branco o convidasse a assumir a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília no período entre 1965 e 1967. É ali que defende sua tese de doutoramento sobre Folkcomunicação, convertendo-se no primeiro Doutor em Ciências da Comunicação do Brasil.

Luiz Beltrão converteu-se em ícone nacional da comunicação por seu tríplice pioneirismo: fundador do primeiro instituto universitário de pesquisa (1963),



criador da primeira revista científica (1965) e autor da primeira tese de doutorado, nessa área do conhecimento, no Brasil. (DUARTE, 2001, p.127).

Publicou vinte livros sendo que o primeiro, *Iniciação à Filosofia do Jornalismo*, lhe rendeu o Prêmio Orlando Dantas – 1959, patrocinado pela Editora Agir (Rio de Janeiro), que o lançou nacionalmente no ano seguinte.

### **Gêneros e sua evolução**

Para contextualizar a história dos gêneros, beberemos da fonte dos organizadores José Marques de Melo e Francisco de Assis na obra *Gêneros Jornalísticos no Brasil*.

Não nos ateremos aqui aos gêneros estudados por Platão, Aristóteles e muitos outros.

Versa o ensaio sobre os gêneros jornalísticos contemporâneos, então, a eles.

Partindo desta premissa, encontramos em Marques de Melo (2010, p.13) “o pioneirismo de Jacques Kayser no estudo contemporâneo dos gêneros jornalísticos”, que sistematizou a teoria desse tipo de gênero, não obstante já era aplicada pelas redações e universidades.

Kayser trabalha com a categorização do conteúdo do jornal para radiografar a imprensa mundial em 1953. Entre os anos de 1960 e 1962 ministra seminários no Centro de Estudos de Periodismo para a América Latina (CIESPAL) em Quito no Equador, contando com convidados da Europa e das Américas Central e Latina. O trabalho multiplicador de Kayser encontra eco na Espanha como relata Marques de Melo (2010, p.14) que “tal missão difusionista vai ser desencadeada [...] por José Luis Martinez Albertos [...] sendo considerado o principal exegeta hispânico dos gêneros jornalísticos”.

No Brasil, coube a Luiz Beltrão, após catalizar as idéias de Kayser, seu colega docente no Ciespal, e disseminá-las para consagrar-se como o pioneiro dos estudos brasileiros sobre gêneros jornalísticos compondo sua trilogia. Antes dele aponta Marques de Melo (2010, p.16) que houve “escassos indícios de [...] textos históricos [...] escritos por Carlos Rizzini (1957) e Nelson Werneck Sodré (1966)”.

A questão vai aparecer, de forma sistemática, na obra de Luiz Beltrão, sem dúvida inspirada na categorização adotada pelo CIESPAL, onde pontificou Jacques Kayser. Sua trilogia: *A imprensa informativa* (1969), *Jornalismo Interpretativo* (1976) e *Jornalismo Opinativo* (1980) constitui a principal referência brasileira para os estudos desta natureza. (MARQUES DE MELO; ASSIS, 2010, p.16).



O conjunto da obra de Luiz Beltrão dá suporte a outros estudos que foram determinantes para a classificação dos gêneros jornalísticos vigentes até os dias atuais como já o confessava Marques de Melo (2010, p. 25) “minha principal fonte de referência foi sem dúvida Luiz Beltrão”. E é com fulcro na obra do pioneiro dos estudos dos gêneros no jornalismo no Brasil que buscamos entender, nos próximos capítulos, seus conceitos, a filosofia, teoria e prática dos gêneros no jornalismo.

### **Iniciação a Filosofia do Jornalismo**

Mesmo antes de se debruçar ante as obras específicas de estudos sobre gêneros jornalísticos no Brasil, Luiz Beltrão em seu livro de estréia, *Iniciação à filosofia do jornalismo* (1960) já pontuava alguns conceitos sobre o tema. E, ainda que por vezes sem se referir diretamente, dava-nos pistas sobre o que viria a ser gêneros jornalísticos.

Principiando sua obra, Beltrão (1960, p.23) descreve que “[...] o homem primitivo, que não conhecia a escrita, fazia jornalismo, o que vale dizer que transmitia aos seus semelhantes, com regularidade e frequência, interpretando os fatos correntes que interessavam à comunidade”. Este jornalismo já continha em seu bojo a essência dos gêneros que, com o passar dos anos, ele mesmo viria a classificá-los.

Transposto aos dias atuais e sob os auspícios dos mais recentes estudos sobre gêneros jornalísticos, quiçá descobriríamos que o simples ato do nosso homem primitivo poderia ser classificado como jornalismo informativo, interpretativo e opinativo.

Avançando na história, dos Anais dos Pontífices as Actas Romanas, da poesia falada e cantada aos jograis e cantilenas, dos avvisi as news letters, até desembocar na imprensa como hoje a conhecemos, são conceituados como tipos de jornalismo. No Brasil não foi diferente e, “apesar de não termos tido imprensa senão às vésperas do Ipiranga, nem por isso o colono português integrado na nossa vida, ou o nativo deixou de praticar o jornalismo”. (BELTRÃO, 1960, p.28). O autor relata que se apelou então para informação e a sátira verbal, para o pasquim e a folha volante. Sobre a ação panfletária, o autor descreve a obra de Gregório de Matos, o “Boca do Inferno” que também carrega consigo a possível classificação de gêneros jornalísticos. E assim, desde os primórdios até hoje em dia, onde há jornalismo, há também um ou mais gêneros a ele vinculado. Seguindo o raciocínio do conceito de jornalismo de Luiz Beltrão (1960, p.61) na obra amplamente citada, diz ele “[...] primeiro, que fazer jornalismo é informar. Jornalismo é antes de tudo informação, costumava repetir aos meus ouvidos de ‘foca’ [...] Aníbal



Fernandes”. Aqui temos o conceito do gênero informativo, para logo em seguida, acolher citação que nos traga alusão a outros gêneros jornalísticos:

Mas “não é função da imprensa” (compreendida como jornalismo) informar ligeira e frivola sobre os fatos que acontecem ou censurá-los com maior soma de afeto ou adesão. Toca à imprensa elogiar, explicar, ensinar, guiar, dirigir [...] Assim, os fatos correntes expostos pelo jornalismo tem de ser devidamente interpretados [...]. (MARTÍ apud BELTRÃO, 1960, p.61)

Completa o raciocínio uma expressão de Octávio de la Suarée que aparece em Beltrão (1960, p.61), onde diz que “informação, orientação e direção são atributos essenciais do periodismo que não pode ser substituído nem sequer momentaneamente por nenhum outro agente cultural nesta tarefa junto à sociedade”.

A sentença final sobre o conceito de jornalismo de Luiz Beltrão ratifica o que diz Suarée e conforma os gêneros jornalísticos: informativo, interpretativo e opinativo.

Jornalismo é a informação de fatos correntes, devidamente interpretados e transmitidos periodicamente à sociedade, com o objetivo de difundir conhecimentos e orientar a opinião pública, no sentido de promover o bem comum. (BELTRÃO, 1960, p.62).

Quem também corrobora com a conceituação dos gêneros jornalísticos na obra de Luiz Beltrão é Tristão de Ataíde que argumenta:

[...] se desdobra em informação, isto é, em formação do público. E particularmente da Opinião Pública. É a grande finalidade moral e social do jornalista, que vai além da finalidade puramente informativa. O jornalista medíocre informa por informar. O autêntico jornalista informa para formar. Um para na finalidade informativa. O outro prossegue na finalidade informativa. O pequeno jornalista ou noticiarista leva a notícia ao próximo. O jornalista comenta-a, leva a notícia acrescida da sua apreciação. O grande jornalista informa e forma. Cria e orienta a opinião pública. (BELTRÃO, 1960, p.81).

No cerne da questão, encontramos no item Jornalismo e Opinião indícios de classificação dos gêneros jornalísticos. Ao que o autor faz até proposições sobre a nomenclatura:

Costuma-se classificar o jornalismo, do ponto de vista da sua característica promocional, em de opinião e de informação. Propomos, entretanto, uma outra nomenclatura como mais adequada ao espírito do jornalismo moderno: jornalismo eclético e ideológico. (BELTRÃO, 1960, p.110)



Ainda que de forma geral, nesta obra seminal, Iniciação a filosofia do jornalismo, Luiz Beltrão, se não conceituou de fato, indicou a incidência dos gêneros jornalísticos informativo, opinativo e interpretativo.

### **Teoria e Prática do Jornalismo**

Este verdadeiro “manual” de Teoria e Prática do Jornalismo é resultado de um “[...] conjunto de fascículos que Luiz Beltrão foi publicando no triênio 1961-1963” que, “depois de testar em sala de aula o conteúdo programático desenvolvido no primeiro ano da Cátedra ‘Técnica de Jornal’, resolveu apostilar o conjunto de lições ministradas” (BELTRÃO, 2006, p.8)

A edição artesanal foi impressa na tipografia da Escola Gráfica Editora Recife no ano de 1964, com o selo do recém criado Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM). Em 2006, uma parceria entre a Cátedra UNESCO/Methodista de Comunicação para o Desenvolvimento Regional e as Faculdades Adamantinenses Integradas – FAI – co-editam o livro como coroamento do Ciclo Luiz Beltrão. A feliz iniciativa revigora a luz sobre importante obra de Luiz Beltrão e passa a ser revista pelos catedráticos de comunicação da FAI sob a orientação do entusiasta professor Sérgio Barbosa, idealizador do Ciclo.

Conferindo maturidade acadêmica do autor, Teoria e Prática do Jornalismo amplia seus conceitos sobre gêneros já demonstrados em sua definição das funções básicas do jornalismo representadas graficamente em um “triângulo retângulo”:

Aí, o ângulo reto é a informação, ou seja, o relato puro e simples de fatos pertencentes ao presente imediato ou ao passado que esteja atuando nas situações presentes; o ângulo superior é a orientação, ou seja, o esforço de convencer pela interpretação dos fatos, provocando a ação por parte daqueles aos quais é dirigida a mensagem; o ângulo inferior é a diversão (entretenimento), isto é, um meio de fuga às preocupações quotidianas ou costumeiras, uma pausa no ramerrão, um preenchimento dos ócios com algo diferente e reparador do gasto de energias reclamado pela luta pela vida. (BELTRÃO, 2006, p.13)

De início, parece o autor nos apontar acerca das funções do jornalismo algumas pistas sobre o que seria informativo, opinativo e interpretativo, além de uma alusão à diversão que poderia culminar, mais tarde, em outras classificações à frente de seu tempo, como confessa Marques de Melo (2010, p.25) quando diz “apreendi o florescimento do jornalismo diversional”. Outra pista de Beltrão que com o passar do tempo se tornaria



base para um novo conceito encontra reflexo no raciocínio de Marques de Melo (2010, p. 27) na obra amplamente citada, diz ele que “o vulto de matérias focalizando ‘serviços’ não mais cabia no formato ‘nota’ do gênero informativo, sinalizando a emergência do gênero utilitário”.

[...] ali encontramos o jornal. Se queremos ir ao cinema, é nele que procuramos o cartaz do dia; se desejamos assistir televisão, nele procuramos o programa das emissoras; ele nos dá a hora da novela radiofônica, do comentário esportivo ou da audição musical de nossa preferência; nele encontramos o nosso horóscopo para o dia seguinte, o jogo de palavras com que nos entretemos, as historietas e desenhos cômicos que nos dão uma dose de humor. (BELTRÃO, 2006, p.36)

Passado o item inicial sobre teoria, na segunda parte da obra denominada “O jornal veículo de comunicação”, voltada mais para a estrutura do jornal como empresa e o funcionamento dos serviços, o autor destaca conceitos de gêneros jornalísticos em que acredita:

Já vimos como funciona um jornal na fase de sua fabricação, isto é, depois que os originais da matéria redacional e da parte ineditorial (anúncios) são encaminhados às oficinas. Vejamos agora, como trabalha a Redação na feitura de matéria informativa, opinativa e diversional. (BELTRÃO, 1960, p.60)

Atendo-se a função informativa do jornal, a qual Beltrão (2006, p.81) trata como “o relato puro e simples do que ocorre de significativo em todos os domínios do pensamento e da atividade humana”, o autor revela conceitos onde “no sentido humano, a informação é o ato de levar um fato ao conhecimento de outrem” ou ainda “como relato de um fato, ideia ou situação”. Destaca ainda que “as informações públicas são as de que se ocupa o jornalismo” que observada característica da atualidade “são divulgadas pelos veículos de comunicação coletivos, denominam-se notícias”. Mais uma vez apelamos para Beltrão (2006, p.95) quando adverte que “a informação deve ser impessoal” e, neste caso, compete ao “[...] jornalista apenas recolher e narrar os fatos”. Termina o autor lembrando o axioma da profissão “os fatos são sagrados, só o comentário é que é livre”, em alusão aos gêneros informativo e opinativo. A exemplo de Iniciação à filosofia do jornalismo, a obra Teoria e Prática do Jornalismo rememora gêneros jornalísticos como informativo, opinativo e interpretativo e faz alusões a formatos que, num futuro próximo, se encaixam em nova classificação que destacam os gêneros utilitários e diversional.



## A Imprensa Informativa

Aos olhos do editor Folco Masucci, um livro didático de “técnica de jornal” que se ocupa da notícia e da reportagem do setor, ilustrando-se as lições com gráficos e fotografias, textos e exercícios práticos. Resultado de cerca de dez anos de ensino e vinte e cinco de prática jornalística, Luiz Beltrão descreve A imprensa informativa como um manual destinado ao noticiarista e ao repórter do jornal diário e dedica a obra a todos os jornalistas e professores de jornalismo. Certo é que a primeira obra da trilogia informativo-opinativo-interpretativo, além de configurar e adequar a teoria e a prática à realidade jornalística brasileira, conceitua o gênero jornalístico informativo. A representação gráfica forjada por Luiz Beltrão em Técnica de Jornal do Instituto de Ciência da Informação (ICINFORM) em 1964, destaca as funções da atividade jornalística.

Para Beltrão (1969, p.81, grifo no original) “a primeira das funções sociais experimentadas pelo jornal moderno é a da *informação*, ou seja, o relato puro do que ocorre de significativo em todos os domínios do pensamento e da atividade humana”.

*A informação, num sentido lato, é uma função biológica que consiste em perceber o real para satisfazer as condições da vida e do progresso da espécie. No sentido humano, a informação é o ato de levar um fato ao conhecimento de outrem, uma função inata, comum a todos os racionais[...]. (BELTRÃO 1969, p.81, grifos no original)*

Certo que para que esta informação seja compreendida e dela se tenha o entendimento satisfatório, utiliza-se a forma mais simples de comunicação – a narrativa.

Não obstante, “as idéias mais complexas, ontológicas ou metafísicas, antes de serem interpretadas e discutidas, tiveram e têm de ser apresentadas numa linguagem singela, de fácil apreensão”, conforme explica Beltrão (1969, p.81). Aproveitando-se de uma metáfora com as parábolas que Jesus Cristo utilizava “para transmitir as suas lições mais transcendententes”, o autor conceitua que “assim, podemos definir *a informação como relato de um fato, idéia ou situação*”. (BELTRÃO, 1969, p.81, grifo no original). Beltrão, para quem, a todo o momento, o homem está pedindo, recebendo e dando informações, classifica-as em duas formas e infere a condição para que sejam usadas no jornalismo.





Algumas dessas informações são *particulares*, privadas, interessam, apenas ao próprio indivíduo ou a um círculo muito limitado de pessoas; outras, porém, têm repercussão mais ampla, são *públicas*, interessam a grupos numerosos de pessoas, às vezes a toda a coletividade e até mesmo a toda a humanidade. *As informações públicas*, são as de que se ocupa o jornalismo e, *quando se referem a situações atuais e são divulgadas pelos veículos de comunicação coletiva denominam-se notícias*. (BELTRÃO, 1969, p.82, grifos no original)

Sobre o principal formato do gênero informativo, classificando-o como “mercadoria de base do jornal”, Beltrão (1969, p. 82, grifo no original), por seu turno, retrata o conceito de[...] que *notícia é a narração dos últimos fatos ocorridos ou com possibilidade de ocorrer, em qualquer campo de atividade e que, no julgamento do jornalista, interessam ou tem importância para o público a que se dirigem*.

Mas relembra Beltrão que o jornalismo informativo deve ser impessoal, sem a interferência que caberia então a outros gêneros como o interpretativo e o opinativo que veremos a seguir.

### **Jornalismo Interpretativo**

Resultado de um curso de inverno em uma série de palestras ministradas na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a segunda obra da tríade sobre gêneros jornalísticos de Beltrão – Jornalismo Interpretativo: Filosofia e Técnica – traz em seu bojo o conceito do autor sobre a propriedade da interpretação, sua pertinência e análises correlatas. Essa identificação com o jornalismo interpretativo arrancou a Luiz Beltrão (1976, p.47) a confissão de que “a interpretação é uma das características básicas do jornalismo, o que vale dizer uma atitude de ofício do agente da informação de atualidade”.

Enfatizou-se o atributo da interpretação, que evoluiu de tarefa privativa do agente cultural comunicador para generalizar-se como legítimo direito do receptor, que não se satisfaz com a sub-informação nem com a informação dirigida e massificante. (BELTRÃO, 1976, p.9)

Para Beltrão (1976, p.12, grifo no original) “a atualidade, objeto da atividade jornalística, tem que ser *interpretada*, porquanto informação e orientação são funções básicas sociais do periodismo”. Revela o conceito que tem sobre o jornalismo interpretativo quando diz:



A interpretação jornalística consiste no ato de submeter os dados recolhidos no universo das ocorrências atuais e idéias atuantes a uma seleção crítica, a fim de proporcionar ao público os que são realmente significativos. (BELTRÃO, 1976, p.12)

Contudo, para esta interpretação o autor cobra atributos do jornalista como bom senso, honestidade e imparcialidade e uma certa aptidão para apreender o cerne da questão em foco. Mais um passo na história e, após profundas transformações no século XIX, o jornalismo viu o surgimento do *new journalism* que Beltrão (1976, p.41) retrata como “o jornalismo de evasão, cultivado pela in-cultura contemporânea: a interpretação adulterada ou pessoal e interessada”. Mas, o autor relata a reação da massa nos movimentos chamados de contracultura com grande número de homens cultos e atuantes:

A estes – que estão distribuídos em todos os setores e que se constituem em líderes de opinião – letrados e iletrados, profissionais liberais, agricultores e industriais, estudantes, operários, militares, religiosos – é que se deve o surgimento do *jornalismo* interpretativo, um jornalismo em profundidade, à base da investigação, que começa a representar a nova posição da imemorial atividade social da informação de atualidade. Um jornalismo que oferece todos os elementos da realidade, a fim de que a massa, ela própria a interprete. (BELTRÃO, 1976, p.42, grifo no original)

Após apreender o surgimento do jornalismo interpretativo com os movimentos de contracultura, no Brasil, Beltrão (1976, p.45, grifo no original) destaca a atuação de Alberto Dines e “a sua experiência nos jornais a que serviu: *Diário da Noite*, do Rio, tentara institucionalizar [...] o jornalismo analítico e interpretativo”.

Não obstante, Beltrão se mostra cético aos conceitos do jornalismo praticado seja em profundidade, investigativo ou interpretativo e confessa:

O que se nota, contudo, é a insistência em uma espécie de paternalismo ou maestralismo do jornalista (editor) para com a audiência. A interpretação de que se trata é do jornalista e não do público. O que se oferece a esse público é aquilo que julgamos nós que *necessita saber* e o material informativo deve ser por nós analisado *como parte de uma opinião jornalística*. (BELTRÃO, 1976, p.46, grifos no original)

Beltrão diz que este tipo de jornalismo que estão supondo como interpretativo não é senão



Uma forma disfarçada de opinião, de sujeição da objetividade à linha político-filosófica do jornalista, um processo de massificação e imposição, e não de fornecimento de dados coordenados e completos que proporcionem à audiência os elementos necessários à sua própria configuração dos fatos, ideias e situações da atualidade, permitindo-lhe atuar livremente como resultado da própria reflexão. (BELTRÃO, 1976, p.46)

Para ele, o verdadeiro jornalismo interpretativo é aquele que leva os receptores a ter o discernimento sobre os fatos ocorridos, e vaticina:

Veremos que o jornalismo interpretativo, reclamado pelo homem e a coletividade de massa, nada tem a ver com boas intenções, com malabarismos ou truques, e ainda menos com opiniões pessoais e/ou de grupos interessados. *O jornalismo interpretativo é o objetivismo multiangular da atualidade apresentado pelos agentes da informação pública para que nós próprios, os receptores, o analisemos, julguemos e possamos agir com acerto.* (BELTRÃO, 1976, p.46, grifos no original)

Outra vez valemo-nos de Beltrão (1976, p.49) que escreve que “a dinâmica da cultura através dos média alterou a percepção da massa, capacitando-a a receber e interpretar a mensagem”, porém:

A falta de compreensão ou aceitação desse estágio da cultura popular constitui um dos fatores que mais pesam contra a implantação do *jornalismo interpretativo* – entendido como *a informação que, sem opinar, coloca diante da massa o quadro completo da situação da atualidade.* (BELTRÃO, 1976, p.50, grifos no original)

Seguindo a linha de raciocínio acima, é também de Beltrão (1976, p.52) a correta observação de que “[...] o jornalismo interpretativo é a informação em toda a sua integridade, captada, analisada e selecionada pelo jornalista, ao qual não cabe o diagnóstico”. Esta assertiva do autor corrobora também para firmar uma diferença:

Aí é que reside a grande diferença, a nota substancial da nova modalidade de jornalismo em confronto com as anteriores: a interpretação socialmente válida, o diagnóstico da atualidade fixada em seus aspectos essenciais, este é do receptor[...]. (BELTRÃO, 1976, p.52)

O acuro de Luiz Beltrão com a prática do jornalismo interpretativo em sua verdadeira essência, denota os princípios pelos quais o autor rege o seu compromisso com o ensino e o aprendizado de um jornalismo pautado na ética.



## **Jornalismo Opinativo**

Fechando a trilogia de Luiz Beltrão sobre gêneros, Jornalismo Opinativo aborda a função de opinar, exercida por diferentes agentes da mensagem. A história do jornalismo se imbrica com a opinião desde que “as folhas volantes, avulsos impressos que foram os precursores do jornal, eram eminentemente opinativas”, mas sofreram com a “censura governamental e eclesiástica” e, portanto volantes bem como os primeiros jornais “por longo período [...] seriam, sobretudo repositório de informações”. (BELTRÃO, 1980, p.33)

Esta situação mudaria como retrata o próprio Beltrão (1980, p.35) com “os movimentos sociais e a efervescência política provocados na Europa pela Revolução Burguesa que restauraram o prestígio e como que recriaram a imprensa de opinião”.

No Brasil, a opinião também sofre seus reveses e, a fase do predomínio da opinião sobre o objetivismo frio da informação se estende desde a Regência como relata Juarez Bahia (Apud Beltrão 1980, p.35, grifos no original), até “[...]por volta de 1880...quando o jornal toma características de empreendimento mercantil”. Relatos como o Correio Brasiliense, primeiro jornal a circular no Brasil sob a batuta de Hipólito da Costa, que imprimia seu editorial, denotavam o caráter opinativo do veículo de comunicação. “Entretanto, o jornalismo da colônia, quando surge, sendo oficioso e subordinado à dupla censura civil e eclesiástica, se fez antes informativo e literário”, relata Beltrão (1980, p. 36) para logo em seguida mostrar que “a opinião vai tomando fôlego na imprensa da Independência e explode, incontrolável e apaixonada, a partir de agosto de 1827, quando um decreto ministerial declara abolida formalmente a censura”. A Revolução Industrial “ocorrida no século XIX na Europa e atingindo a América através dos Estados Unidos, novamente altera o espírito do jornal” quando “praticamente a imprensa retornou à base informativa”. (BELTRÃO, 1980, p.33)

Esta nova onda só atingiria o Brasil após a Revolução de 1930 com o processo desenvolvimentista. Não obstante, Beltrão retrata um avanço na política editorial com o surgimento das grandes empresas jornalísticas, o jornalismo viria a se firmar mesmo com o passar do tempo.

Mais recentemente, e favorecida pelas restrições impostas aos periódicos pelos governos saídos do movimento de 1964, cuja censura estava presente nas redações ou atuava depois da saída do jornal, apreendendo as edições (inclusive de livros) nas ruas sem qualquer mandado judicial, a opinião se vale de semanários, que se constituem em uma ‘imprensa alternativa’ a qual recebe



também o apelido de *nanica*, pois em sua maioria os jornais têm o formato tablóide. (BELTRÃO, 1980, p.38).

E é justamente a ação dessa imprensa, conforme confessa Beltrão (1980, p.38) “é que se deve o quadro apresentado pela grande imprensa, na década de 1970, retornando gradualmente sua função vertical opinativa”, conclui a história.

Apresentando conceitos, o autor utiliza sua representação gráfica– triângulo retângulo – para retratar a opinião como função vertical do jornalismo e cobra uma postura ética na condução da mesma como orientadora das massas.

O jornal tem o dever de exercitar a opinião: ela é que valoriza e engrandece a atividade profissional, pois quando expressa com honestidade e dignidade, com reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências, se torna fator importante na opção da comunidade pelo mais seguro caminho à obtenção do bem-estar e da harmonia do corpo social. (BELTRÃO, 1980, p.14)

E, ao jornalista, ainda vaticina:

Opinar, para ele, não é apenas um direito, mas um dever, pois, de ofício, está incluído entre os que fazem profissão de opinar. Ainda mais: é sua função captar, em qualquer campo, aquele objeto importante sobre o qual a sociedade exige uma definição. (BELTRÃO, 1980, p.18)

Respondendo em que consiste, realmente a opinião, Beltrão (1980, p.14) diz “que se trata da função psicológica, pela qual o ser humano, informado de idéias, fatos ou situações, conflitantes, exprime a respeito seu juízo”.

Dentro deste contexto, Beltrão relata que “outra característica ressalta da expressão opinião: trata-se de um *ato individual desenvolvido dentro do grupo*”. E, para corroborar com o enunciado, recorre a Lippman que diz: “toda opinião é somente a opinião de alguma pessoa” e ao que Childs ajunta: “...e não de um grupo considerado como tal. A (própria) opinião pública refere-se sempre a um grupo de opiniões individuais, e não a uma coletividade mística que paira no ar sobre as nossas cabeças” (BELTRÃO, 1980, p. 17, grifos no original). Segundo Beltrão (1980, p.19), “o jornalismo veicula três categorias específicas de opinião: a do editor, a do jornalista e a do leitor, que, juntas, irão oferecer à comunidade a manifestação corporificada do tão discutido fenômeno social da opinião pública”. Assim o autor descreve cada situação:



[...] A opinião do editor é expressa pelos editoriais e pela linha do jornal. A opinião do jornalista, isto é, o juízo que manifesta sobre os problemas em foco e a respeito dos quais informa e comenta simultaneamente, em seções ao seu cargo e em matérias por ele firmadas. A opinião do leitor se manifesta nas entrevistas concedidas, em pronunciamentos oficiais de grupos, em cartas que escreve à redação, nas próprias atitudes que são objeto de notícia. (BELTRÃO, 1980, p.19-20)

“Para elaborar e manifestar a opinião, o jornalista terá, então, de manipular a informação em três tempos”, confessa Beltrão (1980, p.43-44) que refere-se ao ato de “dominar a informação, reger e assistir à informação”.

Falando ainda da relação dos profissionais do jornalismo com a opinião, Beltrão (1980, p.54) ressalta que “os jornalistas orientam à base da irracionalidade dos fatos; a sua opinião decorre do exame do perturbador e constante cambiar da atualidade”.

E, para finalizar, este compromisso com um jornalismo ético e responsável, arrancou a Luiz Beltrão a correta observação de que:

[...] o grande problema da imprensa nas comunidades democráticas é o de estabelecer o equilíbrio entre as duas tendências que moldam a atividade editorial: atender a requisitos técnicos e econômicos e exercer livremente a sua função sócio-espiritual. (BELTRÃO, 1980, p.45)

Assim, o mestre Luiz Beltrão conceituou o gênero opinativo no jornalismo cobrando aos que dele fizerem uso, um compromisso ético e moral com a mensagem a ser transmitida aos receptores.

### **Considerações Finais**

Antes de sua incursão no Ciespal, quando teve contato com as idéias de Jacques Kayser, Luiz Beltrão, mesmo sem conceituar ou se referir a gêneros jornalísticos, já registrava em sua obra primeira, *Iniciação a Filosofia do Jornalismo* e no conjunto de fascículos publicados entre 1961-1963 que deram origem a *Teoria e Prática*, a ocorrência de jornalismo informativo, opinativo e interpretativo e, em algum momento, alusões ao que viria ser gênero utilitário e diversional.

Na trilogia informativo-interpretativo-opinativo lançada após a apreensão das idéias de Jacques Kayser, Beltrão demonstra além da teoria, a sistemática aplicação dos gêneros na práxis jornalística.

Constituindo-se em um verdadeiro manual de teoria e prática do jornalismo, a trilogia beltraniana subsiste ao tempo, e dá suporte para novos conceitos e classificações, vide



caso de José Marques de Melo, discípulo de Luiz Beltrão que se debruça sobre o estudo dos gêneros jornalísticos.

Ainda assim, pelo caráter mutável tanto dos gêneros quanto dos meios em face à evolução tecnológica entre outros fatores, há a necessidade de outros estudos sobre gêneros jornalísticos.

## Referências

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.

\_\_\_\_\_. **A imprensa informativa: técnica da notícia e da reportagem no jornal diário**. São Paulo: Folco Masucci, 1969.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1976.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

\_\_\_\_\_. **Teoria e prática do jornalismo**. Adamantina: FAI, São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/Methodista e Comunicação para o Desenvolvimento regional, 2006.

DUARTE, Jorge. Luiz Beltrão, um autodidata abrindo picadas no campo da comunicação. In: MARQUES DE MELO, José & DUARTE, Jorge (orgs.). **Memória das ciências da comunicação no Brasil: Os Grupos do Centro Oeste**. Brasília: UneCeub, 2001, pp.127-155

MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco. (org.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: Editora Metodista, 2010.